

AION

Fabio Bola
Tchello d'Barros
Alex Hamburger

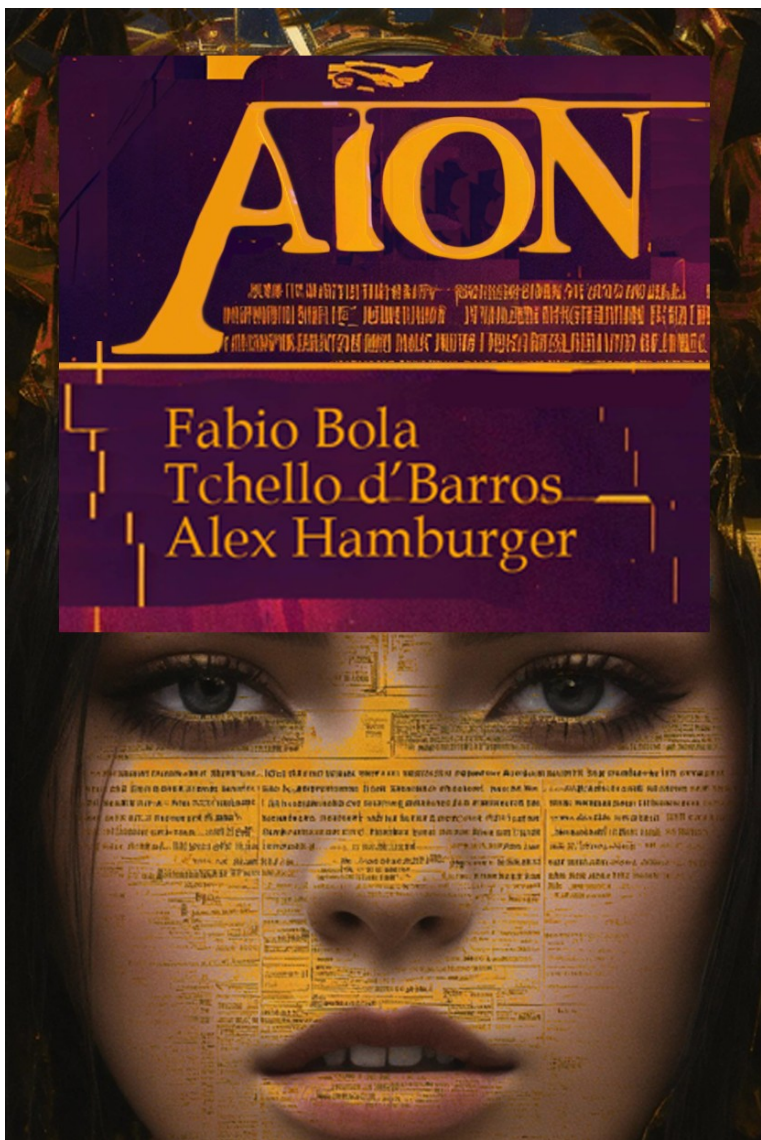


Imagem Pensamento piccola arena

Conselho editorial: Marly Bulcão, Susana de Castro,
Fernando Gerheim, Filipe Ceppas, Rosa Dias, Jorge
Luiz Cruz e Rafael Haddock Lobo.

Este livreto foi composto em Artifakt Element Book e
Protest Strike e impresso em papel offset 75 g/m².

M931a Mourilhe, Fabio
Aion / curadoria: Fabio Mourilhe ; Texto: Fabio Mourilhe ;
Videoarte: Fabio Bola ; Arte: Tchello d'Barros, Alex Hamburger,
Rio de Janeiro: Imagem Pensamento, 2025.
16 f. : il. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-67343-23-5

Catálogo da exposição realizada na Galeria Piccola Arena
em fevereiro e março de 2025.

Curadoria: Fabio Mourilhe.

1. Arte. 2. Tempo. 3. Aion. 4. Videoarte. 5. Poesia visual.
I. Aion. II. Fabio Bola. III. Fabio Mourilhe. IV. Tchello d'Barros.
V. Alex Hamburger. VI. Galeria Piccola Arena (Petrópolis, RJ)

CDD: 704.94

Aion

A exposição “Aion” tem curadoria de Fabio Bola. Traz suas interpretações animadas para os relógios de Alex Hamburger e Tchello d'Barros; as poesias visuais impressas a laser (papel pólen 200g, 1m x 1m) “Agora é já”, “Concomitâncias” e “Infinitudo” de Barros; e o relógio original sem ponteiros de Hamburger “A abolição do tempo” (plástico e metal, 50x50 cm). Aqui, trazemos o foco para o conceito de Aion, segundo o qual podemos pensar em relógios que questionam a supremacia do presente - receptáculo vazio ou talvez muito estreito -, com uma subdivisão em uma linha reta cujas extremidades não cessam de se distanciar no passado e no futuro. Inclui: “Agora é já” (32”), “Convergência v1” (24”) e “Convergência v2” (27”) de Tchello d’Barros e Fabio Bola; “A abolição do tempo” (1' 29”) de Alex Hamburger e Fabio Bola; e “Relógio deformado” (42”) de Fabio Bola. O tempo total dessa série de videoartes é de 3' 34”. O conjunto completo desses trabalhos tem sua primeira mostra completa na Galeria Piccola Arena em 2025 junto a esta publicação. As videoartes foram exibidas na 21ª Mostra do Filme Livre nos CCBB Brasília, RJ e SP de dezembro de 2024 a fevereiro de 2025; e no espaço de cinema Estação Net Botafogo do Rio de Janeiro em janeiro de 2025. Segue o texto curatorial.

O relógio indeterminado e o tempo sem duração a partir da noção de Aion

Definido como maquinismo ou aparelho que serve para marcar o tempo e indicar as horas (HOUAISS, 2009), o relógio tradicional e suas variações modernas registram o tempo cronológico, com um instante que vem após o outro em um movimento sucessório que delimita com precisão o momento presente. Existem, contudo, relógios que questionam essa supremacia do presente. Apresentam este último como um receptáculo vazio ou talvez muito estreito, com espaço para seu deslocamento nas duas direções em outro regime temporal, onde podem ser constituídos sentidos constituídos por quase essências de singularidades que se misturam, exprimidas no infinitivo.

O verbo no infinitivo, utilizado como exprimível quando o pensamento se depara com forte singularidade, está sem conjugação, não é determinado, não tem pessoa e nem presente. Existe apenas como sentido-acontecimento em contra efetuação no breve presente do qual emerge. Será lançado para o passado e o futuro

simultaneamente, que desdobram o presente infinitamente em “instantes móveis”. Esses desdobramentos do acontecimento em futuro e passado indicam um “acontecimento tomado em si mesmo que esquia todo presente, pois está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular” (DELEUZE, 1975, pp. 177-178). Trata-se de um evento que tem como presente esse “instante móvel”, realocado ao longo da reta infinita de passados e futuros. Essa instância paradoxal ou ponto aleatório que percorre a linha de Aion é um “puro momento de abstração cujo papel é dividir e subdividir todo presente nos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1975, p. 171), passado e futuro.

Além disso, o instante extrai as singularidades do presente e daqueles que ocupam o presente: “pontos singulares duas vezes projetados, uma vez no futuro, outra no passado, formando sob esta dupla equação os elementos constituintes do acontecimento puro” (DELEUZE, 1975, p. 171). A linha reta conecta em suas duas direções os pontos aleatórios instantâneos que a percorrem e os pontos singulares distribuídos.

O ato exprimível ocorre em um instante que se desfaz, um presente que deixa de ser. Envolve

efeitos que não são presentes vivos, mas resultados impassíveis e “maneiras de ser” (DELEUZE, 1975, p. 6) que estão na superfície dos corpos de onde partem infinitamente (ativamente) sem afetá-los (passividade). Afetam apenas, segundo François Zourabichvili (2004, p. 6-8, 11-13), a subjetividade. Para esse autor, o acontecimento pode ser pensado como a “condição sob a qual o pensamento pensa”, quando se encontra com um fora que o força a pensar, corta o caos com o plano de imanência e resgata acontecimentos que pululam e aguardam sua invocação nesse plano.

Acontecimentos com seus exprimíveis, efeitos incorporais de superfície, estão localizados no entretempo, um não tempo chamado Aion. No tempo inteiro de Aion temos uma “instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos incorporais que resultam dos corpos, ... ações e ... paixões”. (DELEUZE, 1975, p. 6). “O ator fica no instante enquanto o personagem que ele desempenha espera ou teme no futuro, rememora-se ou se arrepende no passado”. Em um instante “intenso e tenso, tanto mais instantâneo quanta mais ele exprime um futuro e um passado ilimitados”, um ponto vazio onde possa ser compreendido o “mínimo de tempo desempenhável no instante ao máximo de tempo

pensável segundo o Aion” (DELEUZE, 1975, p. 50). Trata-se de um “passado-futuro ilimitado que se reflete em um presente vazio” (DELEUZE, 1975, p. 153).

Apenas o passado e o futuro perduram, “eles subdividem ao infinito cada presente, por menor que ele seja e o alongam sobre sua linha vazia. A complementaridade do passado e do futuro aparece claramente: é que cada presente se divide em passado e em futuro, ao infinito... Ou melhor, um tal tempo não é infinito, já que não volta jamais sobre si, mas é ilimitado, porque pura linha reta cujas extremidades não cessam de se distanciar no passado, de se distanciar no futuro” (DELEUZE, 1975, p. 64).

A obra “Convergência” (2013) de Tchello d’Barros (Figura 1) traz um relógio com o infinito no lugar de cada número, que indica tal subdivisão infinita de cada instante e um receptáculo de tempo muito estreito, um entretempo que se abre para além do espaço, como “como o lugar da ‘forma sem representação’ em que linhas opostas soltas de tempo e espaço se põem a modular, e de onde nasce a forma intensiva” (FERRAZ, 2017, p. 2).

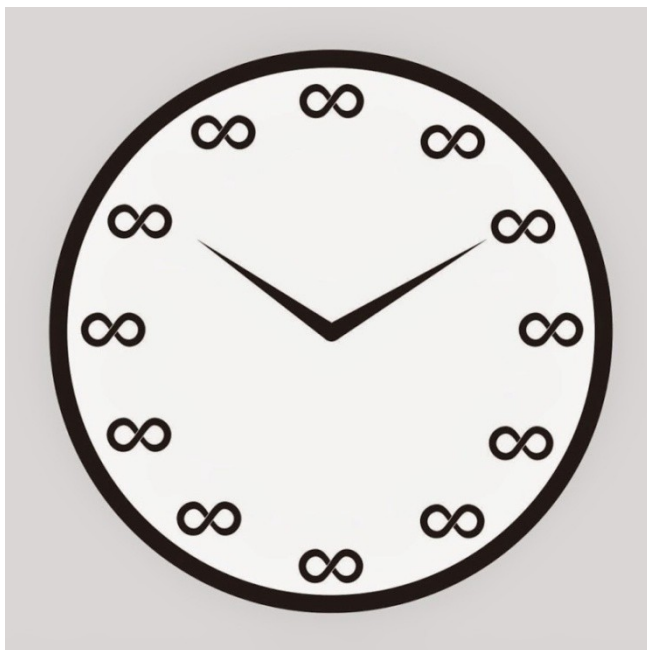


Figura 1- “Convergência” (Tchello d’Barros, 2013)

Os corpos, ações e paixões estão localizados no espaço, assim como o presente que, segundo Cronos, só existe no tempo. De forma diferente de Aion, esse “presente soberano” apresenta uma forma complementar em relação ao anterior com outro tempo inteiro, “como presente vivo nos corpos que agem e padecem... reúne, absorve o passado e o futuro” (Deleuze, 1975, p. 6). “O futuro e o passado são... o que resta de paixão em um corpo” (DELEUZE, 1975, p. 167).

Aqui, apenas “o presente existe,... ele reabsorve ou contrai em si o passado e o futuro e, de

contração em contração cada vez mais profundas, ganha os limites do Universo inteiro para se tornar um presente vivo cósmico. Basta então proceder segundo a ordem das descontrações para que o Universo recomece e que todos os seus presentes sejam restituídos: o tempo do presente é pois sempre um tempo limitado, mas infinito porque cíclico, animando um eterno retorno físico como retorno do Mesmo, e uma eterna sabedoria moral como sabedoria da Causa” (DELEUZE, 1975, p. 64).

Como exemplo, temos “Agora é já” (2013) de Tchello d’Barros (Figura 2). O infinito agora, diferente do que nos mostra a obra “Convergência”, está no caráter cíclico do tempo. A obra traz um círculo delineado com uma frase que repete em cânone “...Agora é um tempo infinito entre o antes e o depois presente em um eterno...”. Vai se repetindo sucessivamente internamente com tipologias de tamanho cada vez mais reduzido até sumir. Segundo Renata Barcellos (2020, p. 92), o clareamento e a forma circular direcionam o olhar do leitor para o infinito: “o movimento em círculos é responsável por transmitir a ideia de movimento e de sem fim”. Mostra também que a “palavra ‘agora’

constitui tanto o início como o fim da frase remetendo à noção da temporalidade”. Parece repetir o círculo eterno do tempo e do eterno retorno do mesmo do tempo cronológico, com supremacia do agora sobre o passado e o futuro. Aqui, temos um presente muito maior, que é “infinito sem ser ilimitado: circular no sentido de que engloba todo o presente, ele recomeça e mede um novo período cósmico após o precedente, idêntico ao precedente” (DELEUZE, 1975, p. 191).



Figura 2- “Agora é já” (Tchello d'Barros, 2013)

Na obra de Friedrich Nietzsche, principalmente em “Assim falou Zaratustra”, temos uma referência ao eterno retorno. Segundo Gilles Deleuze (1975, p. 305), essa ideia em Nietzsche existe apenas para ser refutada. Em “Nietzsche e a filosofia”, Deleuze (1976, p. 32) indica que o eterno retorno para Nietzsche não é absolutamente um pensamento do idêntico, “mas sim... pensamento do absolutamente diferente... Esse princípio é o da reprodução do diverso enquanto tal, o da repetição da diferença”. De fato, longe de assumir uma defesa da eterna repetição do mesmo, Nietzsche apresenta o conceito em contraposição a Aion em “Da visão e enigma”. Inicialmente, Zaratustra se opõe ao eterno retorno do mesmo ao desafiar a afirmação do anão de que a lei gravitacional deve legislar sobre os corpos, como nos mostra Guilherme Figueira Borges (2014, p. 189). Posteriormente, apresenta ao anão o portal do instante com as retas eternas das linhas retas de Aion. O anão, por sua vez, desdenha dizendo que “Tudo que é reto mente... Toda verdade é curva, o próprio tempo é um círculo” (NIETZSCHE, 2011, p. 161). Envolve, segundo José Mário Aleluia Oliveira (2007, p. 140), “uma perversão do tempo-presente para recriar ao infinito o passado e o futuro. Uma busca por insuflar o acaso e ramificar

os pensamentos para produzir o jogo da criação, das múltiplas leituras e expressões”.

Segundo Deleuze (1975, p. 184), “a descoberta nietzschiana do individuo como caso fortuito, tal qual é retomada e reencontrada por Klossowski” nos mostra “uma relação essencial com o eterno retorno”. Pierre Klossowski (1997, pp. 216-217) em seu livro “Nietzsche e o círculo vicioso” fala sobre diversas figuras do eterno retorno, como o anel, roda da fortuna e o círculo virtuoso de Deus, “tantas figuras que, em si, pressupõem um centro, um foco, um vazio, talvez até um deus que inspira o movimento circular e nele se exprime”. Oscilações dominam o indivíduo “enquanto ele procura apenas o seu próprio centro e não consegue ver o círculo do qual ele próprio faz parte”. Existem oscilações correspondentes a individualidades diferentes daquela que ele acredita ter, e de centros que não podem ser encontrados. Como resultado, para Klossowski, uma identidade é essencialmente fortuita, e toda identidade deve passar por uma série de individualidades para que um aspecto qualquer de uma identidade particular torne todas elas necessárias.

Esses muitos círculos identitários, muitas vezes fortuitos, indicam um indivíduo que se constitui a

partir de muitos centros possíveis e trafega por um eterno retorno que “não é uma teoria das qualidades e de suas transformações circulares, mas dos acontecimentos puros e de sua condensação linear ou superficial” (DELEUZE, 1975, p. 184).

Temos então duas leituras que se excluem. “De um lado, o presente sempre limitado, que mede a ação dos corpos como causas... (Cronos); de outro, o passado e o futuro essencialmente ilimitados, que recolhem à superfície os acontecimentos incorporais enquanto efeitos (Aion)” (DELEUZE, 1975, p. 64), com um passado e um futuro que “insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente. Não três dimensões sucessivas, mas leituras simultâneas do tempo” (DELEUZE, 1975, p. 6).

“Sempre já passado e eternamente ainda por vir, Aion é a verdade eterna do tempo: pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal presente e por aí desenrolou seu círculo, se alonga em uma reta” (DELEUZE, 1975, p. 170).

“A abolição do tempo” (2024) de Alex Hamburger (Figura 3) traz um tempo vazio, uma abertura do entretempo que possibilita a subsistência do passado e o futuro, que desfaz o ciclo do eterno retorno e possibilitam a articulação do presente

infinitas vezes com as duas direções da linha de Aion.



Figura 3- "A abolição do tempo" (Alex Hamburger, 2024)

Sobre essa linha reta de Aion, existe “um eterno retorno como o mais terrível labirinto de que falava Borges, muito diferente do retorno circular ou monocentrado de Cronos: eterno retorno que não é mais o dos indivíduos, das pessoas e dos

mundos, mas o dos acontecimentos puros que o instante deslocado sobre a linha não cessa de dividir em já passados e ainda por vir” (DELEUZE, 1975, p. 182).

Nas palavras de Jorge Luis Borges (1999, p. 73) no conto “A morte e bússola” editado no livro Ficcões, citado por Deleuze (1975, p. 64): “Conheço um labirinto grego que é uma linha única, reta. .. Da próxima vez que vos matar, prometo-vos este labirinto que se compõe de uma só linha reta e que é invisível, incessante” (“*Yo sé de un laberinto griego que es una línea única, recta. En esa línea se han perdido tantos filósofos*”... “*Le prometo esse laberinto, que consta de una sola línea recta y que es invisible, incesante*” (BORGES, 2011, p.148)).

A preocupação com o tempo na obra de Tchello já tinha sido apontada por Claudio Mangifesta (2020, p. 6). Indica que não existe uma forma única de temporalidade nem uma única concepção de tempo, conforme percebemos em obras/poemas visuais do artista com diferentes direcionamentos.

Fabio Mourilhe

Referencial bibliográfico

BARCELLOS, Renata. Tchello d'Barros Olhos de lince: Poesia Visual em Perspectiva. Rio de Janeiro: Personal, 2020.

BORGES, Guilherme Figueira. Intempestividade do/no corpo nietzschiano: Análise da Discursividade Filosófica. Tese de doutorado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

BORGES, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Globo, 1999.

BORGES, Jorge Luis. La muerte y la brújula. In: Ficciones. Westminster: Penguin books, 2011.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FERRAZ, Sílvio. Entretempo, a escuta no ponto cego da música. Viso - Cadernos de estética aplicada. Revista eletrônica de estética. Nº 20, jan-jun/2017.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KLOSSOWSKI, Pierre. Nietzsche and the Vicious Circle. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

MANGIFESTA, Claudio. Itinerancias: apontamentos sobre a obra de Tchello d'Barros. In: BARROS, Tchello. Convergências. Rio de Janeiro: Multi-prisma, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2011.

OLIVEIRA, José Mário Aleluia. Perversão do presente em currículos nômades: acontecimentos. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007.

ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.